

Piscinas: focos perniciosos da decência moral feminina

Gilma Maria Rios

Este artigo faz parte de uma pesquisa desenvolvida em Araguari, Minas Gerais, sobre comportamento social das mulheres araguarinas no período de 1940 a 1960, onde privilegiei o lazer como espaço específico para dar visibilidade à presença histórica de mulheres comuns de uma cidade do interior mineiro, identificadas como “mulheres modernas” nas décadas de 40 e 50 do século XX. Apesar de a natação ser praticada desde a antiguidade, época em que lhe era dado grande valor e considerado como requinte social, foi introduzida oficialmente no Brasil em 1897; a natação feminina como competição ocorreu nos primeiros anos da década de 1930. É bem verdade que já houvera antes tímidas tentativas de aparições públicas de nadadoras anteriores a essa data.

No Rio de Janeiro, em 1922, aconteceram os Jogos Latino-Americanos em que o Brasil se tornou campeão e naquela ocasião, foi entregue a primeira taça de natação em prova dos 100m nado livre, a uma mulher brasileira, a nadadora Violeta Coelho. As provas de nado livre femininas haviam sido incluídas nos Jogos Olímpicos em 1912, ocorridos em Estocolmo - Suécia. Até então, as mulheres não eram oficialmente admitidas nos Jogos Olímpicos e passaram a participar de apenas alguns esportes, entre eles a natação. E no Brasil, como vimos, só após essa data, e enfrentando barreiras da “adequação à natureza” feminina, o sexo feminino passou a fazer parte desse esporte.

Apesar das resistências sociais à participação das mulheres na prática esportiva, a natação, ao contrário do futebol feminino, era indicada como esporte para o sexo feminino, tornando-se oportunidade para socialização das mulheres da elite e da classe intermediária daquela sociedade manifestamente oposta à participação das mulheres no espaço público.

Porém, como podemos ler nas revistas Ave Maria e Ventania, e na Gazeta do Triângulo, que circularam em Araguari no período estudado, romper com as barreiras postas às mulheres no desporto, por costumes e preconceitos locais, não ocorreria facilmente. Resistências e preconceitos tiveram de ser rompidos, tanto, quanto pelas mulheres que

“teimaram” em praticar o futebol feminino. A natação também gozava da “fama” de requerer a força muscular e ser habilidade “natural” dos homens.

Enquanto nos primeiros anos da década de 1930, a natação feminina brasileira estava se fazendo respeitar, em Araguari, na de 40, reforçava-se pela mídia local, que a sociedade, longe de tornar mulheres e homens melhores, estava deixando-os mais “selvagens”, “duros” e “abrutalhados”, pois, ser *“elegante hoje é ser atleta, mostrar que tem muque, saber dar ponta pé e escoicear com perfeição”*¹. Isso estava colaborando para o “desprestígio” dos homens e mulheres e para que a “fina educação” desaparecesse, dando espaço a costumes abrutalhados e levando a amabilidade e a polidez a se desvanecerem dos códigos morais da sociedade.

Para alguns cronistas da época, as garotas só se preocupavam e cuidavam de divertimentos, vestidos e modas, sendo incapazes de se interessarem pela prendas domésticas, pela arte culinária ou pela literatura; a maioria delas era adversa a tudo isso, principalmente, *“agora que a mulher é aviadora e bate recordes de natação; elas só querem competir com os homens”*.²

Por fazer parte de uma ordem patriarcal tradicional, ideologicamente posicionada e determinante do lugar de homens e mulheres na sociedade, esses discursos impõem e internalizam padrões de como as coisas deviam ser, dificultando qualquer mudança nos comportamentos sociais dos dois sexos.

A partir do momento, contudo, em que mulheres idealizadas, inexístiam na experiência concreta, surgiu o comentário no espaço social de que aquelas garotas eram incapazes de manter uma conversa proveitosa com um jovem, porque numa “dúzia” de frases pronunciadas, diziam uma “centena” de gírias, e além do mais, moças “modernas” não eram escolhidas pelos moços para contraírem os “laços sagrados” do casamento. Eram exemplos de perversão moral, de conduta desordenada, exemplo negativo de esposas e mães, demonstravam relaxamento moral. Pareciam-se com *“uma ventoinha que gira a todos os ventos, da moda, do capricho e da fantasia. Como um fogo de artifício ela se faz anunciar com clarões, brilha um instante e desaparece sem deixar traços”*.³

As transformações que se operavam nas relações homens-mulheres, muitas vezes, entravam em atrito com os valores vigentes, principalmente, quando as mulheres não achavam os “conselhos úteis”, como limpar a fuligem e gordura das portas, limpar os cabos de marfim das facas, como se todas os lares possuíssem facas para as refeições e de cabo de marfim, e como se “segredinhos” da culinária fossem prioridades de todas as mulheres araguarinas.

Em Araguari, as normas e regras de comportamentos sociais eram modificadas pela convivência habitual entre pessoas que iam à piscina mista. No entanto, normas implícitas e explícitas auferem a perpetuação e transmissão de tradições, na tentativa de marginalizar e encobrir recusas aos velhos estereótipos por parte das mulheres. O corpo e o sexo eram apresentados como indissociáveis e generizados, ou seja, pautava-se o comportamento – homem e mulher – segundo padrões sexualmente diferenciados. Diferenciados, porque as representações sobre ser homem e ser mulher circularam na sociedade, produzindo sentidos capazes de colaborar para a produção da evidência de suas materialidades biológicas, constituindo-se em matrizes e efeitos de práticas sociais masculinizantes e feminizantes.

Ao quebrar as regras prescritas, as mulheres araguarinas estavam desconstruindo o pensamento polarizado sobre gênero, ou seja, estavam rompendo com a forma de pensar homem e mulher como eixos opostos, cujas relações se davam sob uma lógica de dominação-submissão. Era a forma de rejeição ao modelo de mulher proposto pela sociedade vigente. Essas “mudanças de costumes” mostram que as mulheres araguarinas afrontavam e questionavam as estruturas institucionais do “lar” e da “maternidade” como única forma de ser feliz e de realizar-se pessoalmente. Novas formas de relações entre homem e mulher estavam surgindo, por isso, esses novos comportamentos sociais seriam considerados por membros da Igreja e da sociedade detestáveis e dignos de execração pública.

Guacira Lopes Louro afirma que, desconstruir a polaridade rígida dos gêneros implicaria *“também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e*

dividido (afinal não existe a mulher, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositora".⁴ Ao discursar sobre o pudor e a decência, Padre Ascânio priorizava o masculino sobre o feminino, apontando para o ordenamento, classificação e hierarquização das mulheres na sociedade. As mulheres eram "pasteurizadas", universalizadas, em nome do pudor e do recato.

De acordo com a entrevista dada por Euclésia Moura, nadadora araguarina nos anos 50, ao terminar o horário feminino de natação, ela e outras garotas não iam embora, esperavam o horário dos rapazes, embora não fosse uma garota rebelde, conforme nos revelou não era "danadinha" e nem impetuosa.⁵ Em outras palavras, Euclésia e outras moças frequentadoras da piscina em Araguari, se por um lado adotaram um comportamento liberal, por outro não conseguiram se desligar do modelo tradicional, aprendido com suas mães, o qual de algum modo, interferia e se fazia presente em seus cotidianos.

Treinar e competir entre as mulheres não causava problema, mas ao término dos treinos, elas deveriam ir embora e não ficar de "conversas" com os moços e nem passeando pela Praça de Esportes. Era inadmissível para as moças ficarem de "ti-ti-ti" em lugares públicos, porquanto isso, na época, seria considerado perversão, daí, a necessidade de resguardar os corpos que atraíam as atenções masculinas.

Como assinala Jaqueline P. de Romani, *"a identidade de gênero é moldada por relações sociais complexas e dinâmicas e expressa as contradições das relações de poder de classe, de sexo, de raça"*,⁶ ela é parte do discurso político de uma sociedade.

Apesar dos discursos desabonadores das condutas de garotas que saíam de casa para a prática esportiva, em Araguari, um grupo de moças treinava e competia em provas de natação. Nesse grupo, na década de 50, tivemos uma campeã brasileira. Euclésia Moura de Souza, na prova "Mendes Moraes", no ano de 1952, realizada em Belo Horizonte, venceu a campeã brasileira de nado de peito, competição não oficial por ter sido homologada. Mas em junho de 1953, em Ribeirão Preto, Euclésia, com 15 anos, foi a campeã brasileira de nado de peito - 200 metros percorridos em 3 minutos, 14 segundos e 3 décimos, vencendo o

recorde, antes em poder de Maria Lenk, por 12 anos seguidos, a primeira mulher brasileira incluída na delegação brasileira para participar de uma Olimpíada – 1932 em Los Angeles.

Para comemorar o seu feito, os jornais se referiam a ela como “uma rainha sem coroa” e um “torpedinho humano”. Chegou a ser convidada pelo Fluminense do Rio de Janeiro, para competir pelo clube, que em troca, lhe pagaria os estudos. Porém, Euclésia preferiu ficar em Araguari e dois anos depois, se casou e foi morar em Belo Horizonte, deixando as raias das piscinas. Anos depois, voltou como professora de natação à antiga Praça de Esportes de Araguari, onde havia iniciado seu treinamento na adolescência.

As profissões que exigem, segundo Massi, *“paciência, rotina, disciplina ou subserviência (prestação de serviço), por exemplo, são imputados à mulher(...) ao homem cabe decidir, planejar, criar, fazer, construir,”*⁷ por fim, cabe a ação, o risco, a responsabilidade de comandar e decidir. Possuem a força e nasceram para as aventuras do mundo.

Desde a infância, na construção do feminino e do masculino, relações sociais complexas se fazem presentes não só no domínio das práticas, mas também no domínio psíquico, impregnado por representações inconscientes de assimetria sexual. E como diz Jacqueline Romani, *“os brinquedos infantis expressam claramente as esferas assignadas a cada sexo. Fogões, vassouras e panelinhas se opõem a carros, aviões, pipas, revólveres.”*⁸

Os meninos crescem orientados para assumir comportamentos voltados para a competitividade e distantes das necessidades que brotam de seus corações. Desse modo, desde pequenos, os homens aprendem que as *“atitudes combativas e agressivas incorporadas pelos homens são atributos biológicos”*⁹ e não relações de gênero. As meninas crescem orientadas para as coisas domésticas. *“Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira.”*¹⁰ Essas representações se enraízam num pensamento simbólico da diferença entre os sexos, fixando figuras e normalizando costumes de como proceder no espaço social.

Ao questionar a ousadia das mulheres, os redatores do jornal e da revista Ave Maria, evidenciavam a visibilidade das mudanças e reconheciam as novas formas de

comportamentos e relações entre os gêneros. A aparente harmonia se tornava frágil, sendo rompida por situações banais e práticas cotidianas de sujeitos sociais que desafiavam as regras e desestabilizavam antigas certezas.

De acordo com Guacira Louro, *“todas as formas de expressão social que tornam visíveis as sexualidades não legitimadas são alvo de críticas, mais ou menos intensas, ou são motivos de escândalo”*¹¹, por isso, a preocupação constante em produzir discursos que enquadrem as mulheres nos ordenamentos e hierarquias tradicionais.

À medida que as mulheres araguarinas desconstruíram os modelos a serem seguidos e preservados, elas desestabilizavam a identidade feminina de gênero, produzindo uma “desordem” na apropriação e incorporação do papel feminino exercido no espaço social e corroíam, assim, a naturalização simbólica da diferença entre os sexos.

Diante da “desorganização” provocada pelas mulheres trajadas de “maillots” na presença masculina e pela ocupação de espaço na piscina mista, a sociedade afetada expressava nos de artigos da Gazeta do Triângulo e das revistas Ave Maria e Ventania o seu desejo de que não fosse seguido o caminho daquelas cujo comportamento as comprometia, moralmente, e levaria a sociedade ao caos moral, se isso se perpetuasse.

Nesse contexto, o corpo da mulher, internamente normatizado no sentido apontado por Foucault, “corpos dóceis”, precisava mostrar os sinais dessa ordem interna, “verdadeira” codificação do modelo feminino predominante nos artigos da mídia circulante em Araguari. Pretendia-se deste modo, esconder o corpo com o propósito de resguardar o pudor feminino. Era de toda conveniência, descorporificar a mulher, evitando tudo o que representasse sua mínima exposição física no espaço público.

Era controlar e valorizar o corpo segundo determinado sistema: que a mulher mostrasse inscritas em seu corpo as marcas que, ao mesmo tempo, as aproximassem da Virgem-Maria: pura, abnegada e santa, e as desviassem de Eva-sedutora, promíscua, leviana, corruptora, os dois extremos entre os quais, há séculos, oscila a imagem da mulher. Como evidenciam os estudos de Maria Teresa S. Cunha, *“puras, cândidas, recatadas, angélicas, cheias de pudores, de olhos baixos, rigorosamente vestidas, com seus corpos*

disciplinados, as mulheres não deveriam manifestar seus desejos físicos”.¹² Por isso, os homens da lei e os que governam deveriam agir para evitar se tornasse verdade “deitam-se por terra as resistências finais do pudor e da própria dignidade.”¹³

De forma indireta ou direta, as mulheres, participavam desse discurso, algumas como leitoras, outras como executoras, enquanto outras “pregavam” seu cumprimento na escola, em casa ou no trabalho. Algumas pessoas e famílias o seguiram e fizeram-no cumprido como verdadeiro tratado, ou guia-mestre para ser seguidos como conjunto de valores morais familiares, sob cujos ensinamentos as crianças, as jovens e os jovens deveriam ser socializados e disciplinados. Ali as mulheres seriam “ajudadas” a encontrar a verdadeira vocação no matrimônio, a felicidade individual, e sua respeitabilidade só seria alcançada mediante a separação entre as esferas masculina e feminina.

Aquelas que se atrevessem a expressar, de forma mais evidente, a sua sexualidade são alvo imediato de controle, de vigilância e correção, para voltarem a manifestar-se em gestos, posturas e movimentos educados e praticarem hábitos higiênicos, dignos e adequados. Deveriam reaprender comportamentos e atitudes, naquele momento, são considerados adequados para expressar os impulsos e os seus desejos. Passar, lavar, arrumar, limpar e cozinhar, nas palavras de Cynthia A. Sarti significavam,

(...) junto com a maternidade, o substrato fundamental da construção da identidade feminina, definindo um jeito de ser mulher sempre enredado em intermináveis lides domésticas, num mundo social fortemente recortado pela diferenciação de gênero(...)¹⁴

Pela ordem moral, as mulheres eram recolocadas no centro, para onde converge a sustentação da família. Ao descobrirem o fascínio pela vida pública, as mulheres eram cercadas por todos os lados, com discursos que tentavam mostrar e exemplificar que no lar, a mulher seria absoluta, sedutora, criativa e deteria o poder – rainha do lar – sobre os seus

membros e com isso, completaria e conseguiria o verdadeiro sentimento de realização, o mesmo que elas sentiam ao circular pelo espaço público.

Recorrendo a Lauretis, pode-se afirmar que o “*arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo (a mulher como diferença do homem, como ambos universalizados: ou a mulher como diferença pura e simples e, portanto, igualmente universalizada)*”¹⁵. A partir dessa perspectiva, não haveria qualquer diferença entre as mulheres araguarinas, todas eram personificadas, classificadas e representadas de acordo com o conceito universal do sexo biológico.

Conclui-se que toda sociedade constrói, juntamente com suas maneiras de produzir e distribuir a riqueza social, suas formas de pensar, seus modos de ser e de se exprimir e se relacionar entre homens e mulheres em determinados períodos. Percebe-se alguns traços das estratégias históricas que a sociedade capitalista institui para organizar os sexos e a reprodução humana, num contexto de dominação: o lar, como espaço institucional do casamento, e a maternidade. Ambos são formas históricas de definir o lugar e as funções prioritárias da mulher na sociedade hierarquizada da qual fazemos parte, assimilando por mecanismos ideológicos um aspecto “natural”, funções que são na realidade sócio-políticas.

¹ - BRANDÃO, Ascânio. A polidez. **Ave Maria**, São Paulo, 10 jul. 1937.

² - _____. A mulher e a cultura física. **Ave Maria**, São Paulo, 06 jul. 1940.

³ - LUZ, Valis da. Op. Cit. P. 411.

⁴ - LOURO, Guacira L. *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000. p.16.

⁵ - Entrevista realizada em dezembro de 2003.

⁶ - ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. Mulher: natureza e sociedade. In: Madel T. Luz (org.) *O lugar da mulher – estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 70.

⁷ - MASSI, Marina. *Vida de mulheres – cotidiano e imaginário*. R. J.: Imago, 1992. p. 56.

⁸ - ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. Mulher: natureza e sociedade. In: Madel T. Luz (org.) *O lugar da mulher – estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 67.

⁹ - NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 43.

¹⁰ - PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Edunesp, 1998. p. 09.

¹¹ - LOURO, Guacira L. *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Porto Editora, 2000. p.83.

¹² - CUNHA, Maria Teresa Santos. *As armadilhas da sedução. Os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.100.

¹³ - A sedução do nu. **Ave Maria**, São Paulo, n.24, p. 382, 21 jun. 1953.

¹⁴ - SARTI, Cynthia Andersen. A sedução da igualdade: trabalho, gênero e classe. In: SCHPUN, Mônica Raisa. *Gênero sem fronteiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 160.

¹⁵ - LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa (org.). *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 207.